

REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO NO BRASIL: UMA ANTOLOGIA

Aluna: Anna Olga Prudente de Oliveira
Orientadora: Marcia Amaral Peixoto Martins

Introdução e Objetivos

Neste segundo ano de pesquisa demos continuidade à proposta de elaboração de uma primeira antologia brasileira composta por comentários e reflexões de tradutores, escritores e editores acerca da tradução e do processo tradutório.

O objetivo do estudo permaneceu o mesmo: reunir um conjunto representativo de reflexões sobre a tradução por parte de autores, tradutores e críticos brasileiros, com vistas a conhecer e divulgar o pensamento acerca dessa atividade produzido em nosso sistema cultural. Entendemos por “reflexões” textos integrais ou fragmentos que refletem sobre questões ligadas à tradução, tais como maneiras de traduzir, visões de tradução, conceitos básicos, possíveis fronteiras entre tipos de tradução, traduções indiretas vs. traduções diretas, relações assimétricas entre culturas fonte e alvo. Acreditamos que a reunião de tal *corpus* pode contribuir para um melhor entendimento de como a tradução é vista, praticada e avaliada no Brasil, e dos motivos que subjazem a esses caminhos de prática, além de pioneiramente apresentar e difundir discursos sobre a tradução produzidos em um sistema cultural e idioma não hegemônicos, propiciando-lhe assim condições de visibilidade.

Conclusões

A primeira fase da pesquisa (2009-2010) teve um escopo mais amplo, por se tratar de terreno inexplorado. Conseguimos localizar reflexões de escritores-tradutores, além de comentários de editores, publicados em edições datadas desde a segunda metade do século XIX até o final do século XX. Nesta segunda fase (2010-2011) nos concentramos em tradutores de obras clássicas, sobretudo greco-latinas. De 27 obras pesquisadas, encontramos comentários acerca da tradução em 13 delas. Destacamos, neste resumo, algumas das reflexões mais relevantes.

A mais antiga edição traduzida que traz reflexões pertinentes para a pesquisa data de 1888 e traz os comentários do Barão de Paranapiacaba, que traduziu a comédia *Aulularia*, do romano Plauto [1]. O tradutor ressalta com humildade as imperfeições de sua tradução. Em seu comentário está subentendida a ideia de que a tradução é inferior ao original. A visão de que as obras antigas clássicas funcionam como uma fonte para se “restaurar a pureza da língua” corrobora a ideia de deterioração da língua por parte dos falantes e, conseqüentemente, o entendimento da existência de uma língua mais pura que os eruditos devem buscar alcançar através dos estudos. Acerca da mesma obra de Plauto também encontramos comentários dos tradutores Aída Costa [2] e Agostinho da Silva [3]. Na introdução de sua tradução, Aída Costa, ao refletir acerca dos méritos autorais de Plauto, utiliza o termo “tradutor” em uma acepção mais abrangente. Contestando o senso comum de que a obra do autor latino não seria original, mas uma imitação dos clássicos gregos, ela afirma que Plauto é mais que um tradutor, alegando que o autor faz uso de uma “liberdade de um criador, que faz escolha pessoal, (...), sem se ater ao texto original”. Já Agostinho da Silva, em nota sobre sua tradução ressalta a dificuldade que o tradutor encontra para verter, para uma língua moderna, um autor antigo como Plauto. Silva reflete sobre temas como as dificuldades da tradução de jogos de palavras e de fatos e costumes anacrônicos à época em que a tradução é realizada, que obrigam o tradutor a realizar uma adaptação para tornar o

texto traduzido “inteligível”, além de abordar o problema das perdas e a questão da fidelidade ao original.

De autores gregos, foram pesquisadas traduções de Platão, Aristóteles e do comediógrafo Aristófanes. Encontramos traduções do século XX, editadas de 1936 a 1980, dos seguintes tradutores: Albertino Pinheiro, Carlos Alberto Nunes, Eduardo Menezes, Gilda Maria Reale Starzynski, J. Guinsburg, Jaime Bruna, João Cruz Costa, Jorge Paleikat, José Cavalcante de Souza, Leonel Vallandro, Maria Lacerda de Moura e Miguel Ruas. Destacamos a seguir alguns pontos tratados nos textos de Jorge Paleikat e João Cavalcante de Souza, tradutores que elaboraram os textos mais extensos dentre os encontrados.

Em sua tradução dos *Diálogos* de Platão [4], Jorge Paleikat assina uma nota introdutória, intitulada “Duas palavras do tradutor”. Por meio de uma metáfora, aborda a dificuldade de se traduzir um texto antigo para um idioma moderno, ressaltando que uma tradução literal resultaria em um texto “incompreensível ao leitor que desconhece o grego”. Comparando a tradução a um retrato que “jamais adquirirá vida; no máximo, logrará reproduzir de forma verídica as feições exteriores do modelo”, Paleikat entende a tradução como um texto derivado que precisa encontrar a medida certa de equilíbrio entre o literal e a liberdade do tradutor para conseguir retratar o original de forma fiel. Ele também considera fundamental a cultura do tradutor, que deve conhecer profundamente a obra e o período histórico em que está inserida.

José Cavalcante de Souza, em sua tradução do *Banquete* [5], assina uma nota introdutória em que critica a qualidade das traduções existentes e o hábito das traduções indiretas. Sua crítica tem um caráter político ao apontar para a dependência cultural brasileira em relação a “outras culturas mais vigorosas”, constituindo um obstáculo ao desenvolvimento de nossa potencialidade ou “expressão própria”. Ele também postula que o tradutor deve realizar um trabalho de “recriação” para atualizar o texto antigo para o público leitor moderno.

A partir dos textos encontrados, podemos observar alguns temas comuns abordados pelos tradutores, tanto os mencionados aqui quanto os outros apresentados no relatório: 1. a posição de humildade perante o trabalho realizado; 2. a inevitável perda no processo tradutório; 3. a dificuldade específica de traduzir textos antigos para uma língua moderna; 4. o respeito ao original e a busca pela fidelidade ao texto fonte, mesmo quando o tradutor afirma que precisa fazer modificações formais ou atualizações contextuais; 5. a valorização das traduções diretas; 6. a busca por tornar o texto acessível e prazeroso a um público amplo.

Os textos dos tradutores, com as considerações feitas a partir deles, estão disponíveis no relatório da pesquisa.

Referências

- [1] PLAUTO. *Aulularia* (A marmita). Comédia em cinco atos de Marco Accio Plauto traduzida em versos portugueses pelo Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Typographia Chrysalida, 1888.
- [2] PLAUTO. *Aulularia* (A comédia da panelinha). Tradução de Aída Costa. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- [3] PLAUTO. *A comédia latina* (Anfitrião, Aululária, Os cativos, O gorgulho). TERÊNCIO. (Os adelfos, O eunuco) Prefácio, escolha, tradução e notas de Agostinho da Silva. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1952.
- [4] PLATÃO. *Diálogos I (Menon, Banquete, Fedro)*. Tradução brasileira diretamente do grego pelo Dr. Jorge Paleikat. Porto Alegre: Editora Globo, 1954. 3ª Edição.
- [5] PLATÃO. *O banquete ou Do amor*. Tradução, introdução e notas do Prof. J. Cavalcante de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1966.